

Um corpo que se desintegra em palavras: Elis o teoría de la distancia de Lucas Margarit

Juan Manuel Terenzi¹

Resenha e tradução de poemas do livro *Elis o teoría de la distancia* de Lucas Margarit.²

Elis o teoría de la distancia (2020), livro de poemas do poeta e professor argentino Lucas Margarit, abre suas páginas com sete epígrafes, todas elas provenientes do poema “Ao jovem Élis” do poeta alemão Georg Trakl. O percurso de cada idioma citado não deve ser tido como nota menor quando lemos o livro, uma vez que ele parte do original alemão, passa por duas traduções ao idioma nativo de Margarit, percorre o catalão – o qual também poderíamos considerar como sendo sua língua nativa³ – culminando com as traduções ao francês e ao italiano. O livro já anuncia um horizonte rico, seja em línguas, em espaços percorridos, ou em alusões a Trakl. Essa fatura contrasta com o corpo que se desintegra ao longo do poema.

Dolores Etchecopar destaca que ‘elis’, por encontrar-se escrito em minúscula, estaria mais próximo de um pronome. Essa palavra, portanto, não estaria caracterizada por representar um nome próprio fixo e possuído de uma identidade. Etchecopar afirma que “elis, como se não fosse um nome próprio, mas sim um pronome múltiplo que se modifica de acordo com a distância que o interpela.”⁴

Essa observação feita por Etchecopar configura-se como um modo de leitura agudo e atento ao que se desenvolve nas páginas do belíssimo poema de Margarit.

Com o intuito de adentrarmos no procedimento que o poeta opera, repasso brevemente o conteúdo de cada uma das dez partes que compõem o tecido poético⁵. Gostaria, para traçar um mapa de como esse corpo transita pelo poema, pinçar uma palavra – em seu idioma original – de cada uma dessas dez partes: *despojado – exílio – mutilo – fractura – viejo – cementerio – memoria – camino – rastro – elegía*.

Logo na primeira parte, “As rotas de elis”, uma das primeiras falas de elis já marca a sua condição como habitante desse cenário poético: “dizia elis: “o corpo despojado”” (p. 9, trad. minha). Todo o andamento do livro está marcado pela dissolução da linguagem acompanhada do despojamento do corpo. O grito que elis lança assemelha-se ao que

¹ Juan Manuel Terenzi finaliza o doutorado em Literatura (UFSC/CNPq) sobre a obra de Samuel Beckett, orientado pela professora Dra. Liliana Reales, e co-orientado pelo professor Dr. Byron Vélez Escallón. Bolsista CAPES/PDSE para cursar o doutorado sanduíche na Universidade de Reading (Inglaterra). Contato: jmterenzi@hotmail.com

² MARGARIT, Lucas. *Elis o teoría de la distancia*. Buenos Aires: El Suri Porfiado Ediciones, 50 p., 2020.

³ O próprio sobrenome do poeta argentino, Margarit, remete diretamente ao catalão. Igualmente, Margarit dedicou um livro de poemas homônimo a um personagem catalão do século XIV pouco abordado, Bernat Metge.

⁴ MARGARIT, Lucas. *Elis o teoría de la distancia*. Buenos Aires: El Suri Porfiado Ediciones, 2020, p. 5.

⁵ Enquanto no poema de Trakl temos um personagem jovem, em Margarit leremos acerca de um “elis, já velho” (p. 13).

Baudelaire escrevera em “Correspondências”⁶: “a vida de uma árvore e a vida de um homem que reconhece os sinais” (p. 11, trad. minha). Vida, escrita e linguagem apresentam-se, assim, desde os primeiros versos. Margarit aborda o tema do exílio e da mutilação do corpos nas partes subsequentes, onde acompanhamos um corpo que se depara com o processo violento da mutilação.

A quarta parte parece invocar Heráclito e o seu rio – bem como aquele que mergulha nesse mesmo rio – em constante devir, pois o corpo que lemos apresenta-se como uma fratura do universo, retomando o *incipit* posto na parte inaugural: o corpo está ainda mais despojado.

Quando chegamos na metade do percurso poético de Margarit, lemos uma série de objetos, todos eles sob a rubrica de natureza morta. Os objetos – desde uma garrafa, uma floreira, duas laranjas, até objetos mais orgânicos como sangue e água suja do rio – são elencados, enquanto *elis* espera. Essa espera é colocada em suspense, não mencionada, embora possamos intuí-la como sendo a espera de sua desintegração enquanto matéria vivente, enquanto corpo.

Novamente, a imagem do rio é inserida no cenário poético, e será neste momento em que Margarit introduzirá a palavra cemitério pela primeira vez, trazendo explicitamente o tema da morte que já estava posto desde o início. O momento seguinte nos leva do rio ao muro, de um *elis* frente ao rio para um *elis* frente a um muro. Esse momento está marcado por uma epígrafe do poeta grego vencedor do Nobel de 1979, Odysséas Elýtis, cujo primeiro verso, “Trouxe minha vida até aqui”, encontra eco no que estamos lendo ao longo do poema de Margarit, pois o tema da memória é marcante e fundamental em *Elis o teoría de la distancia*.

No entanto, *elis* aproxima-se do universo animal, da fera: “*elis* ferido caminha como um animal ferido / que assimila a morte” (p. 40, trad. minha). Por fim, vemos que *elis* estabelece dois diálogos com uma segunda pessoa que parece querer ocultar-se, que parece querer revelar-se. Nessa presença-ausência, acompanhada de uma marca nietzschiana e hölderliniana do adeus dos deuses, lemos a indagação que acompanha *elis*: “como confundir o espaço fechado com a / intempérie sem *naus* nem distância?” (p. 44, trad. minha).

Após *elis* ter deixado o seu rastro, lemos por último o seu lamento em forma de elegia. O cemitério retorna, mas ninguém escrevera *elis* no mármore que o próprio corpo lacerado de *elis* carregava.

⁶ Nesse poema, escreve Baudelaire: “[as vozes] Fazem o homem passar através de florestas / De símbolos que o vêem com olhos familiares.”

SELEÇÃO DE POEMAS

Tradução de Juan Manuel Terenzi

a distância ou o resto

II

abri os olhos
e as minhas mãos estavam
ainda apertando
as tuas mãos
no meu corpo de pássaro e pedra
de ossos úmidos
que gritam mais profundo
como uma maré branca que se desfaz
entre os dedos secretos de um fauno
que descansa

natureza morta (século XVI)

elis descreve enquanto espera:

garrafa
água suja do rio

bacia de barro
com sangue de novilho

floreira de vidro escuro
com talos e folhas

duas laranjas
a mão suja de um homem velho
que dá sentido ao restante as coisas

elis dialoga

[perguntavas]

quem espera atrás
desse monte arrasado pelas almas?
onde buscar a humanidade perdida da fera?
onde recuperar o caminho, a distância e o
vento que nos cobre?

[então]

recuperei:
o mesmo espaço das árvores
a mesma matéria da superfície
o olhar opaco de um animal que agoniza

[pergunto]

com qual nó
atarei as minhas mãos
que brilham como morcegos?
com qual pele cobrirei a distância entre aqui e lá?

[elis olha detidamente o mundo através de
um bosque e das sentenças. Ali os meus dedos
serão as estrelas obscurecidas pelo caminho.

quando esse deus escape e nos mostre
as suas costas verão o sorriso escondido no mártir]

[pergunto]

como confundir o espaço fechado com a
intempérie sem naus nem distância?

Recebido em: 09 de abril de 2021

Aceito em: 05 de maio de 2021